RESUMO

“O futuro constrói-se com todos, ou não se constrói” — esta frase do Papa Francisco, retirada da encíclica *Fratelli Tutti*, expressa o cerne do seu pontificado: uma visão teológica, pastoral e ética profundamente enraizada na inclusão, no diálogo e na justiça. Este artigo propõe uma análise crítica e simultaneamente homenageante da sua ação reformadora, explorando os seus impactos na teologia contemporânea, na estrutura eclesial, e nas respostas sociais e ecológicas da Igreja.

Com base em documentos magistrais e literatura científica recente, de autores como Cernuzio (2025), Santos (2024), Coelho (2024), Pedrosa-Pádua (2021) e Guimarães (2024), investiga-se como o Papa Francisco promove uma espiritualidade encarnada e sinodal, que recoloca os pobres, a ecologia integral e o diálogo inter-religioso no centro da missão eclesial. A investigação conjuga fundamentos académicos com interpretação pessoal, valorizando a dimensão vivencial da fé e da reforma franciscana. Francisco é aqui interpretado não apenas como líder institucional, mas como testemunha viva de um cristianismo em saída, ousado e profético.

Palavras-chave: Papa Francisco; Teologia Pastoral; Justiça Social; Ecologia Integral; Sinodalidade; Fraternidade Universal; Reforma da Igreja.

1. INTRODUÇÃO

“O futuro constrói-se com todos, ou não se constrói.” (*Papa Francisco, Fratelli Tutti*, 2020)

“Não se trata de um novo plano pastoral, mas de uma nova forma de ser Igreja.” (*Papa Francisco, Sínodo da Amazónia*, 2019)

O pontificado de Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco, iniciado em 2013, representa uma inflexão teológica, espiritual e cultural no catolicismo contemporâneo. Como primeiro Papa latino-americano e jesuíta, Francisco inscreve-se não só como símbolo, mas como agente efetivo de uma Igreja em transformação. A sua liderança espiritual tornou-se um marco do século XXI, ao fundir mística franciscana com uma profunda atenção às dores do mundo contemporâneo — ecológicas, sociais, institucionais e espirituais.

Segundo Pedrosa-Pádua (2021), o estilo pastoral de Francisco “reconfigura a espiritualidade a partir da misericórdia e da escuta”, um movimento que se afasta do dogmatismo estéril e

aproxima-se de uma eclesiologia encarnada. Para Coelho (2024), Francisco não apenas pensa uma nova Igreja — ele vive-a, através da práxis: desloca o centro da autoridade para as periferias humanas e institucionais.

Este artigo propõe uma leitura crítica e comprometida com o pontificado de Francisco, explorando o seu impacto teológico, sociocultural e pastoral. Através de autores como Cernuzio (2025), Santos (2024), Fernandes e Silva (2024), Guimarães (2024), Souza (2023) e Wolff (2024), analisamos temas como justiça social, ecologia integral, sinodalidade, diálogo inter-religioso, igualdade de género e espiritualidade.

A escolha metodológica de articular reflexão académica com opinião pessoal parte do reconhecimento de que Francisco não nos fala apenas ao intelecto, mas ao coração e à consciência. Como afirmou o próprio: "Não existe verdadeira doutrina sem misericórdia" (*Evangelii Gaudium*, 2013).

Enquanto investigadora e católica, vejo Francisco não como gestor de uma reforma, mas como intérprete fiel de um Evangelho em movimento. O seu impacto não se mede apenas em documentos, mas em gestos, deslocamentos e coragens. Este estudo é, portanto, simultaneamente um exercício académico e um tributo humano.

2. JUSTIÇA SOCIAL E ESPIRITUALIDADE DO ENCONTRO

Fernandes e Silva (2024) e Rossi (2022) defendem que Francisco recentrou a justiça social no coração da missão eclesial, ao resgatar o Evangelho como anúncio da libertação integral. A denúncia das estruturas excludentes, o apoio aos migrantes e a denúncia da "globalização da indiferença" são expressões consistentes deste compromisso.

Coelho (2024) contribui com uma análise pedagógica, afirmando que Francisco constrói sujeitos através da ação: "a práxis de Francisco revela uma pedagogia do cuidado e da escuta como ferramentas de conversão social."

Acredito que Francisco devolveu à Igreja uma mística social. O seu olhar não é estratégico: é pastoral e profundamente humano. Ele não apenas defende os pobres — senta-se com eles.

3. ECOLOGIA INTEGRAL E CONVERSÃO PLANETÁRIA

Santos (2024) interpreta *Laudato Si'* como uma denúncia contundente ao paradigma

capitalista predador, e como apelo a uma “ecologia de relações”. A proposta de Francisco é holística: integra espiritualidade, política, ética e economia.

Aquino Júnior (2020) reforça esta visão a partir das culturas urbanas, propondo que *Evangelii Gaudium* mostra que “a cidade é lugar teológico”, e que Francisco a habita com compaixão e discernimento.

Laudato Si’ é um grito e um cântico. Nele, Francisco transforma a teologia em ecoespiritualidade. Leio-o como um profeta da Criação que clama por uma nova relação com a Terra, não como propriedade, mas como casa comum.

4. SINODALIDADE E AUTORIDADE PARTILHADA

Cernuzio (2025) sustenta que o Sínodo da Sinodalidade (2021–2024) é o gesto mais disruptivo do pontificado, pois questiona a própria lógica vertical do poder eclesial. Francisco sonha com uma Igreja “menos piramidal e mais circular”.

ALB de Almeida e Mureb (2022) trabalham a dimensão teológica da sinodalidade, afirmando que “a escuta torna-se um ato teológico”, e que o magistério de Francisco é performativo — ensina com atos, não apenas com textos.

Sell (2023) aponta a sinodalidade como chave hermenêutica do seu governo eclesial: “não se trata apenas de partilhar decisões, mas de reformular o próprio sentido de ser Igreja.”

A sinodalidade franciscana é, para mim, uma espiritualidade da horizontalidade. Escutar é já reformar. Francisco ensina que partilhar poder não é perder autoridade — é ganhar fé no outro.

5. IGUALDADE DE GÉNERO E INCLUSÃO ECLESIAL

Smith (2023) estuda os avanços institucionais na inclusão de mulheres em cargos de governo no Vaticano. Embora sem romper com o celibato clerical ou a ordenação feminina, Francisco iniciou movimentos significativos.

Francisco não impôs reformas, mas abriu fissuras. E nessas brechas, germinam novas possibilidades. Como mulher, vejo nos seus gestos um reconhecimento tácito da injustiça histórica contra as mulheres na Igreja.

6. DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E ECUMENISMO OPERACIONAL

McElwee (2020) elogia Francisco pela sua “diplomacia da paz”, nomeadamente pelo encontro com o Imã Ahmad al-Tayyeb (Documento de Abu Dhabi). Essa visão é ampliada por Wolff (2024), que vê na espiritualidade do encontro uma “mística do ecumenismo vivencial”.

Guimarães (2024) retoma o espírito do Vaticano II para afirmar que o ecumenismo franciscano se concretiza na “Igreja em saída”, que não teme dialogar com diferenças, mas vê nelas o rosto de Cristo.

O diálogo para Francisco não é estratégia — é teologia encarnada. Ele fala com o outro como quem aprende, não como quem catequiza. É neste gesto que ele se torna verdadeiramente universal.

7. ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA E REFORMA INTERIOR

Pedrosa-Pádua (2021) argumenta que a grande reforma de Francisco é interior: uma espiritualidade baseada na misericórdia, na alegria e na paciência com a história. Segundo o autor, “a conversão que ele propõe é antes de tudo espiritual — mas com consequências sociopolíticas.”

Souza (2023) amplia esta visão ao afirmar que Francisco “inspira uma Igreja pobre para os pobres, não apenas como missão, mas como identidade”.

Francisco reforma com ternura. E esta é talvez a sua maior heresia — no melhor sentido. Ele acredita na lentidão da graça e no poder de gestos simples. A sua espiritualidade é profundamente contracultura.

8. CONCLUSÃO

“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, do que uma Igreja doente pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças.”

(*Papa Francisco, Evangelii Gaudium*, 2013)

Chegados ao fim desta análise, torna-se evidente que o pontificado de Francisco ultrapassa categorias tradicionais de governo eclesial. Ele não é apenas um “papa das periferias”, mas um teólogo prático da misericórdia, um reformador da escuta e um líder que ousa sonhar

com uma Igreja samaritana e sinodal.

Para Cernuzio (2025), o impacto estrutural das reformas sinodais de Francisco é irreversível. Segundo Souza (2023), ele resgata o espírito do Concílio Vaticano II com uma linguagem acessível e com escolhas concretas — como a renúncia ao luxo pontifício ou o acolhimento público de migrantes. Guimarães (2024) enxerga nele um aprofundamento da missão da Igreja como ponte entre credos e culturas. Já Wolff (2024) destaca que o seu ecumenismo é afetivo e operativo, e não apenas diplomático.

Francisco não propõe uma nova teologia sistemática, mas um estilo de vida evangélico com implicações profundamente políticas e espirituais. Coelho (2024) interpreta o seu magistério como "pedagogia de novos sujeitos", e Pedrosa-Pádua (2021) aponta para uma espiritualidade pastoral que desarma os mecanismos do clericalismo.

A sua abordagem é, muitas vezes, incómoda — sobretudo para estruturas hierárquicas cristalizadas ou para narrativas teológicas fechadas. No entanto, é precisamente este desconforto que revela a sua fidelidade radical ao Evangelho: Francisco recusa neutralidade perante o sofrimento e convida a Igreja a descer da sacristia e a habitar o mundo.

Enquanto católica, considero que Francisco devolveu à Igreja a sua linguagem mais genuína: a da ternura, da justiça e do cuidado. Como académica, reconheço nele um paradigma pastoral que merece estudo, debate e celebração.

"É tempo de sonhar, tempo de nos envolvermos. A esperança não dececiona quando é enraizada no povo."

(Papa Francisco, Vigília da JMJ, 2023)

O presente texto é, pois, um pequeno contributo para esta esperança ousada. Um tributo académico e espiritual a um Papa que fala com os pés descalços e o coração aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALB de Almeida, A. L. B., & Mureb, C. (2022). *Teologia e Sinodalidade a partir do Papa Francisco*. RET – Revista Eclesiástica, 57(3). Link

Aquino Júnior, F. (2020). *Culturas urbanas e teologias*. Fronteiras – Revista de Teologia da Unicap. Link

Cernuzio, S. (2025). *Novos dinamismos no pontificado de Francisco*. Notícias do Vaticano.

Coelho, A. S. (2024). *Os apelos de Francisco: A práxis transformadora como pedagogia para novos sujeitos*. REB. Link

Fernandes, M., & Silva, R. (2024). *Direitos Humanos e o Papado: A influência de Francisco em questões globais*. Revisão de Estudos Globais, 12(4), 102–117.

Guimarães, E. (2024). *Unitatis Redintegratio: uma Igreja em saída para as periferias e em conversão sinodal*. Fronteiras – Revista de Teologia da Unicap.

McElwee, J. (2020). *Diálogos Inter-religiosos sob o Papa Francisco*. Estudos Católicos Internacionais, 8(3), 88–105.

Pedrosa-Pádua, L. (2021). *Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco*. Revista Cultura Teológica. Link

Rossi, A. L. (2022). *A dimensão social da Religião Católica segundo o pensamento social do Papa Francisco*. PUC-Campinas.

Santos, F. D. (2024). *O paradigma tecnoeconómico e a crítica de Francisco*. Jornal Público, 32(5), 45–60.

Sell, C. (2023). *Reforma, minha Igreja: Linhas de força e perfil do pontificado de Francisco*. ResearchGate.

Smith, R. (2023). *Igualdade de Género e a Igreja Católica: Avanços sob o Papa Francisco*. Feminist Theology Review, 19(2), 54–70.

Souza, W. (2023). *Papa Francisco e suas reformas para uma Igreja em saída*. Revista Cultura Teológica. Link

Wolff, E. (2024). *Notas sobre o ecumenismo no magistério do Papa Francisco*. Fronteiras — Revista de Teologia da Unicap.